

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SEUS ENIGMAS: UMA ENTREVISTA COM VILSON LEFFA

A revista **Diálogo das Letras** tem imensa satisfação em entrevistar, neste volume 06, n. 2 (2017), o professor **Vilson José Leffa**, docente e pesquisador da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), e autor de diversos textos voltados à educação, à formação docente, à produção de material didático e ao ensino-aprendizagem de línguas por meio das tecnologias digitais, dentre outros temas de singular relevância.

Vilson José Leffa é licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutor em Linguística Aplicada pela Universidade do Texas. Atualmente é professor titular da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), instituição em que atua desde 1995. Foi professor visitante da Universidade da Califórnia, em Irvine, em 2009 e 2010. Tem vasta experiência na área acadêmica, a partir da publicação de vários livros e artigos em periódicos, na formação de recursos humanos, por meio da supervisão de pós-doutorados, da orientação de teses, de dissertações e de trabalhos de iniciação científica. Na gestão acadêmica, o professor Vilson Leffa foi presidente da Associação de Linguística Aplicada no Brasil (ALAB), coordenador do Grupo de Trabalho de Linguística Aplicada da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), dentre outras atuações.

Abaixo transcrevemos, na íntegra, a entrevista que o professor Vilson Leffa concedeu aos professores Raquel Recuero (UFPe)¹ e Francisco Vieira da Silva (UFERSA)², organizadores do dossiê do presente número da revista **Diálogo das Letras**.

1 Entrevistadores: Atualmente, com o desenvolvimento das tecnologias digitais, muito se discute sobre os efeitos nem sempre benéficos do uso de tais tecnologias. Nesse sentido, fala-se reiteradamente que a web dá vazão aos mais diversos discursos que incitam o ódio, a intolerância e a agressão. Termos como *cyberbullying* e *haters*, por exemplo, têm sido comuns na designação dos mais variados tipos de ofensas perpetradas no âmbito digital. Como o senhor compreende essa problemática? De que modo a Linguística Aplicada pode fornecer subsídios teóricos para averiguar essas questões?

VJL: A *web* é uma ferramenta que amplia nossa ação, quer pelos recursos que ela possui, tanto verbais como sonoros e visuais, quer pela sua facilidade de divulgação,

¹ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPe). Pelotas, Brasil, e-mail: raquel@pontomidia.com.br

² Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pelotas (UFPe) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pelotas, Brasil, e-mail: raquel@pontomidia.com.br

tanto pela propagação a um público variado como pelo direcionamento a públicos específicos. Com a *web*, fazemos mais, sabemos mais, podemos mais, somos mais, em suma. Essa ampliação do que fazemos e somos trabalha nos dois sentidos, tanto positivo como negativo. Ou seja, podemos ser mais solidários e generosos como também mais cruéis e perversos.

Há duas razões para esse recrudescimento da caridade ou do ódio, aparentemente com propensão maior para o ódio, que parece ser o mais forte. A primeira é o alcance da *web*, que não só amplia nossa mente, mas também redireciona o que dizemos para nossas esferas de afinidade, produzindo uma sinestesia coletiva, que alimenta e faz crescer qualquer tipo de sentimento tanto positivo como negativo. A segunda razão é o refinamento da linguagem usada para expressar o sentimento. Na medida em que o ódio é mais forte parece produzir frases mais vigorosas e mais bem lapidadas. Vejo aqui um fenômeno histórico que vem de longe e que faz parte da natureza humana. Os períodos de maior sofrimento, de falta de liberdade e de tortura são os que produzem a melhor literatura; em minhas incursões pela Divina Comédia de Dante, achei que a descrição do Paraíso beira a babaquice depois da intensidade com que descreve o Inferno.

A meu ver, há um prazer autoral estético ao produzir frases ofensivas, não muito diferente na sua essência do que sente o artista ao lapidar sua obra de contestação e correr até o risco de ser preso pela polícia. A possibilidade que tem o *hater* de ver sua frase propagada pela *web*, além de sua esfera local de ódio, pode ser um estímulo a mais para dar vazão ao seu rancor primitivo. A adrenalina da violência pura não é muito diferente da violência artística. Parece que um dos problemas da humanidade é dedicar mais tempo à expressão do ódio do que da caridade. É mais fácil destilar ódio do que falar de amor sem parecer babaca, principalmente quando a humanidade parecer estar tão cheia de ódio.

2 Entrevistadores: No que toca ao ensino-aprendizagem na interface com as tecnologias digitais, é sabido que as investigações desenvolvidas no campo da Linguística Aplicada têm produzido reflexões bastante pertinentes sobre as inúmeras possibilidades didáticas dos recursos pedagógicos disponíveis online (AVA, Google Docs, Games educativos...). Como podemos pensar a influência desses recursos na redefinição do papel do professor e do aluno? Em que medida a aprendizagem mediada pela tecnologia afeta a construção social do docente e do discente?

VJL: A emergência de qualquer tecnologia com possíveis aplicações pedagógicas cria uma ameaça para o professor. Foi assim com a invenção da imprensa, que barateou o livro e levou as associações de professores da época a tentar proibir sua inserção nas escolas; e foi assim com o computador, que, em alguns círculos foi também visto como uma ferramenta que poderia substituir o professor. A mãe de todas as ameaças, no entanto, foi a *internet*, onde o acesso a qualquer informação ficou a distância de um clique. De repente, acumular informação deixou de ser relevante; num mundo em que a

informação abunda é preciso seguir o caminho inverso: o da seleção, descartando o que não interessa.

A receita básica, me parece, é dar à máquina o que é da máquina e ao professor o que é do professor. Questões básicas como regras de acentuação, ortografia, concordância nominal e verbal com seus exercícios de fixação e *feedback* automático podem ficar com a máquina. O professor que se preocupar apenas com esses aspectos operacionais da aprendizagem de línguas pode, e provavelmente deve, ser substituído pelo computador. Pela primeira vez na história, o professor tem a oportunidade de se concentrar nos aspectos comunicativos e mesmo críticos da aprendizagem, usando sua criatividade para fazer aflorar esses elementos em sua sala de aula, com ênfase na aprendizagem da língua vista como prática social.

3 Entrevistadores: Pensando ainda na relação entre o ensino e a aprendizagem e as tecnologias digitais, podemos destacar que na web emerge de modo discriminado inúmeros sites, portais ou mesmo sites de redes sociais que procuram pedagogizar o sujeito internauta em relação ao ensino-aprendizagem de línguas. Dessa forma, temos, como exemplo, uma vastidão de cursos gratuitos de língua estrangeira, notadamente de língua inglesa. O que o senhor teria a dizer sobre tais cursos?

VJL: Esses cursos são basicamente compostos de dois elementos, que podemos chamar de (1) tecnológico e (2) pedagógico. O componente tecnológico é normalmente muito bem desenvolvido, oferecendo não apenas recursos de áudio e vídeo, mas também sofisticções em termos de *design* responsivo, adaptando-se automaticamente ao suporte em que se instancia, considerando, por exemplo, as dimensões reduzidas da tela de um *smartphone* em oposição à de um *tablet* ou *notebook*.

Já o componente pedagógico geralmente deixa muito a desejar, se considerarmos o estado da arte atual do ensino de línguas. Se examinarmos atentamente os aplicativos mais populares, encontramos uma ênfase no ensino do léxico e da sintaxe, muitas vezes não indo além do nível da frase. Alguns aplicativos apresentam fóruns de discussão onde os alunos expõem suas dúvidas e são ajudados pelos colegas. Outros apresentam também correção de exercícios por pares. O problema, principalmente nos fóruns, é que as questões discutidas envolvem mais discussões sobre a língua, às vezes longas e triviais, do que seu uso na prática.

O sucesso desses aplicativos, junto aos alunos, por outro lado, deve servir de alerta aos pesquisadores do ensino de línguas. Talvez tenhamos alguma coisa a aprender com eles.

4 Entrevistadores: Os recursos do espaço digital, particularmente associados às chamadas tecnologias móveis (*smartphones* e *tablets*) têm sido também vistos como potencializadores da aprendizagem, principalmente através da educação à distância. Como você vê essas relações? Como a EAD pode incorporar essas potencialidades?

VJL: Não dá para fazer em um *smartphone* o que se faz em um *notebook* e vice-versa. A orientação horizontal nas telas do notebook e a presença do teclado físico facilitam a elaboração de atividades que envolvam a produção de textos, já que a digitação e a formatação dos elementos verbais e gráficos são importantes para a diagramação e a visualização da página final, efeitos que não se conseguem na tela reduzida de um *smartphone*, com sua orientação essencialmente vertical.

Já a mobilidade do *smartphone* atende melhor o usuário contemporâneo, tipicamente em movimento constante e habitando espaços sempre diferentes, seja a sala de estar, o quarto de dormir, o meio de transporte, a fila do banco. O *notebook* privilegia o espaço interno de sua tela, generosamente oferecido ao usuário, mas com restrições de espaço externo pela dificuldade maior de transporte e portabilidade limitada. Por outro lado, o *smartphone* privilegia o aproveitamento melhor do tempo, permitindo que usemos as brechas que temos em nosso cotidiano, incluindo inúmeros momentos de espera entre uma atividade e outra. Acho um erro não aproveitar a ubiquidade proporcionada por um *smartphone*, como também acho um erro querer usar apenas o *smartphone* em um curso de EaD. Considerando a tecnologia que temos no momento, acho que devemos usar os dois, criando também um hibridismo entre tecnologias.

5 Entrevistadores: Recentemente, o senhor organizou, com o Prof. Júlio Araújo (UFC), um livro sobre redes sociais e ensino (Redes sociais e ensino de línguas: o que temos a aprender?, Parábola, 2016). Como se pode pensar o papel dos sites de redes sociais no ensino, particularmente em sua apropriação para sala de aula?

VJL: De acordo com um antigo provérbio latino, ensinamos para a vida e não para a escola, dando a entender que a vida é algo que acontece fora da escola. Durante algum tempo, víamos as redes sociais como algo estranho, inadequado e fora de contexto na escola, rejeitado não só pelos professores, mas até pelos alunos, que se sentiam invadidos em seu território quando algum professor, em nome da modernidade, tentasse usar o *Facebook* para dourar a pílula de alguma tarefa de casa. Com o tempo, as escolas criaram suas páginas nas redes sociais, e o que antes era visto como uma transgressão foi oficialmente institucionalizado, ao lado do telefone, do antigo fax e do correio eletrônico. Hoje *Facebook*, *WhatsApp* e outros aplicativos estão se integrando às atividades da escola, não necessariamente trazendo o mundo para dentro da sala de aula, mas principalmente levando o que se faz dentro da sala de aula para o mundo lá fora.

As redes sociais podem mais do que apenas complementar as atividades didáticas da escola. Já sabemos que precisamos da aldeia inteira para educar a criança e as redes podem contribuir nesse sentido, propiciando um equilíbrio entre a escola e o mundo. Acho que as redes sociais não devem ser usadas apenas como uma tentativa de levar a escola para o mundo, como suporte para os temas de casa, substituindo o caderno pelo aplicativo, e nem tampouco apenas como uma tentativa de trazer o mundo para a escola. Não dá para pedagogizar o mundo, como se ele fosse uma escola; nem despedagogizar a escola como se ela fosse o mundo. São espaços distintos, com regras próprias, mas com possibilidade de manter um equilíbrio valorativo entre si,

considerando questões de status e prestígio. As redes sociais podem contribuir para criar e manter esse equilíbrio, incluindo o potencial da inclusão social, que me parece ser uma de suas características predominantes.

6 Entrevistadores: Uma de suas pesquisas mais recentes está focada na utilização de recursos educacionais abertos para a educação. Gostaríamos que discutisse um pouco mais a respeito do papel deste tipo de recurso na educação à distância e seus impactos nos processos de ensino e aprendizagem.

VSL: Os Recursos Educacionais Abertos (REA) representam, a meu ver, a maior promessa de renovação e melhoria na educação, tanto presencial como à distância, com grande impacto não só na pedagogia do ensino, mas também na sua gestão. A possibilidade que os REA propiciam ao professor de produzir seus próprios materiais de ensino traz vários benefícios para a aprendizagem. Do ponto de vista pedagógico, e com base na minha experiência em vários cursos de formação de professores, gostaria de destacar os seguintes aspectos: (1) maior facilidade em atender as necessidades e interesses dos alunos, pela proximidade do professor; (2) conhecimento do contexto em que vivem os alunos e dos recursos mediacionais disponíveis nesse contexto; (3) fruição do prazer da autoria, tanto no momento da preparação do material como no momento em que vê seu material sendo usado pelos alunos; (4) sentimento de orgulho por parte do aluno que se sente prestigiado pelo seu professor, que dedicou parte de seu tempo na elaboração de um material feito especialmente para ele. Do ponto de vista da administração do ensino, o REA seduz os gestores pelo seu baixo custo, o que explica o grande interesse da UNESCO, de ministros e secretários de educação nos diferentes níveis da administração pública; por ser aberto e com possibilidade de armazenamento em acervos virtuais, o REA está disponível a todos, sem pagamentos de direitos autorais nem gastos de impressão.

Os dois maiores obstáculos para a adoção universal dos REA, principalmente com base na autoria do professor, estão no tempo disponível para a elaboração do material e nos problemas que envolvem os direitos autorais. Ambos têm solução. Em relação ao tempo, sabemos que o professor já está sobrecarregado de tarefas e nem sempre tem o tempo necessário para a produção de um REA de qualidade. Para esse problema, propõe-se a adoção do princípio da colaboração em massa: o REA original, elaborado por um professor, pode ser retomado e melhorado por outro professor, e assim sucessivamente até a produção de diferentes versões para atender a diferentes contextos e/ou a produção de um REA aperfeiçoado por inúmeras revisões e remixes. Em relação à questão dos direitos autorais, temos uma proposta de solução com o uso das licenças *Creative Commons*: o professor/autor pode liberar seu trabalho para ser copiado e redistribuído por seus colegas sem prejuízo de sua autoria, garantindo o reconhecimento pelo trabalho feito.

7 Entrevistadores: Por fim, além de agradecermos imensamente a sua disponibilidade para responder a esta entrevista, deixamos o espaço em aberto para que o senhor discuta algo que não foi contemplado no rol das perguntas anteriores.

VJL: As perguntas foram ótimas, bem focadas e rigorosamente dentro do que gostei de responder. Apenas gostaria de acrescentar alguma coisa sobre meus planos para o futuro, partindo de meu interesse com o desenvolvimento de um sistema de autoria para a produção de materiais pelo professor. Durante muito tempo defendemos a ideia de que o professor deveria ser também pesquisador, não apenas consumindo a pesquisa feita por outros em outros lugares, mas produzindo sua própria pesquisa para resolver problemas situados no seu dia-a-dia. Eu defendo a ideia de que o professor, querendo, possa ser também autor, não apenas consumindo materiais elaborados por outros em outros lugares, mas produzindo seus próprios materiais, situados no seu contexto de ensino. A perspectiva dos REA abre essa possibilidade para a ação do professor como nunca aconteceu antes.

O suporte digital, do *notebook* ao *smartphone*, na medida em que amplia a ação do professor, impõe também novas exigências, sendo uma delas a necessidade de produzir materiais que se adaptem automaticamente a esses diferentes suportes e que definimos como *design* responsivo. É nessa direção que pretendo caminhar nos próximos meses, inicialmente com ênfase nos aspectos gráficos como o leiaute da página. A ideia é de que o mesmo material produzido pelo professor se instancie adequadamente em um e outro suporte, com o aproveitamento máximo dos recursos de cada um.

Além do *design* responsivo ao suporte, pretendo também investigar, possivelmente de modo mais especulativo, o *design* responsivo ao sujeito, cruzando dados disponibilizados pelo usuário com dados obtidos das imensas bases de dados disponíveis na *internet*, conhecidas como big data. O fundamento da ideia não é apenas levar o professor a produzir seus próprios materiais, mas ajudá-lo a produzir bons materiais, de maior valor pedagógico.